



DOCUMENTAÇÃO DO PROCESSO DE CONSERVAÇÃO DE FIGURINOS: CIA. CINEMATOGRAFICA VERA CRUZ

Documentation of costumes conservation process: Cia. Cinematográfica Vera Cruz

Candido, Sofia Bernardino Grunewald; Graduanda; Universidade de São Paulo, sofia.grunewald@usp.br¹
Viana, Fausto Roberto Poço; Livre-Docente; Universidade de São Paulo, faustoviana@usp.br²

Núcleo de Traje de cena, indumentária e tecnologia

Resumo: O objetivo deste artigo é documentar o processo de conservação de 194 peças do acervo remanescente de figurinos da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, pertencentes à Prefeitura de São Bernardo do Campo. São documentadas as etapas de triagem e escolha dos trajes; análise; higienização; limpeza e identificação dos trajes. O embasamento teórico se apoia em AZEVEDO e VIANA (2006), VIANA e PEREIRA (2021) e CALIL (1987).

Palavras chave: Companhia Cinematográfica Vera Cruz; Conservação de Trajes; Figurino.

Abstract: The objective of this article is to document the conservation process of 194 pieces remaining from cinematographics costumes collection of Companhia Cinematográfica Vera Cruz, that belongs to Prefeitura de São Bernardo do Campo. The stages of screening and selection of costumes are documented; analysis; sanitization; cleaning and costume identification. The theoretical base is supported by AZEVEDO and VIANA (2006), VIANA and PEREIRA (2021) and CALIL (1987).

Keywords: Companhia Cinematográfica Vera Cruz; Costumes Conservation; Costume.

Introdução

Entre as visualidades que compõe um filme cinematográfico, destaco neste artigo os trajes de cena, também conhecidos como figurinos, que são as roupas que vestem um ator ou atriz quando atuam com seus personagens nas artes cênicas, sendo “um dos primeiros elementos a serem oferecidos aos olhos do público (...) o traje ajuda não só o ator a compor a sua personagem, mas também o público, revelando quem ele é” (VIANA; PEREIRA, 2021, p.11).

¹ Graduanda no bacharelado em Têxtil e Moda da Universidade de São Paulo, ex bolsista do CNPq no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), pesquisadora voluntária do Núcleo de Traje de cena, indumentária e tecnologia da Universidade de São Paulo no projeto "Teatro Brasileiro de Comédia e Cia Cinematográfica Vera Cruz (1949-1954): trajes de grandes aventuras e ousadias".

² Pesquisador de trajes de cena e professor de cenografia e indumentária na Escola de Comunicações e Artes da USP. É doutor em artes e em museologia e fez pós-doutorado em conservação de trajes e em moda. É autor dos livros *O figurino teatral e as renovações do século XX*; um dos organizadores do livro *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX*, dentre outros.

Ao relacionar a importância que um figurino carrega para a compreensão fílmica e seu importante papel como documento e registro da produção é de extrema relevância a conservação e preservação de acervos ainda existentes, como é o exemplo dos trajés remanescentes da Companhia Cinematográfica Vera Cruz – cerca de 900 peças – que pertencem à Prefeitura de São Bernardo do Campo - SP, e parte dele, está atualmente em processo de higienização e conservação no Núcleo de Traje de cena, indumentária e tecnologia da Universidade de São Paulo.

A diversidade e a quantidade dos figurinos deste acervo, revelam a importância e a necessidade da preservação destes resquícios da memória do fazer cinematográfico nacional. Os trajés são, portanto, documentos pertencentes à memória das produções cinematográficas, teatrais e artísticas (VIANA, 2015).

Na pesquisa em andamento, para a conclusão do Bacharelado em Têxtil e Moda na Universidade de São Paulo (USP) e intitulada *Documentação do processo de conservação de figurinos: O acervo da Companhia Cinematográfica Vera Cruz*, prevê a documentação do processo de conservação de parte do acervo que demanda cuidados e prevenções específicas advindas de sua natureza têxtil, frágil e da variedade de materiais empregados na sua confecção.

O início deste projeto e os primeiros contatos com o acervo partiram da disciplina “Introdução à Conservação Preventiva de Têxteis” – janeiro de 2023 – que serviu como base para o aprendizado e aperfeiçoamento das técnicas necessárias à higienização e conservação de trajés.

Foi organizado um grupo de trabalho para a realização da higienização, lavagem e conservação das peças sob a supervisão do orientador do referido projeto, com bases em referências bibliográficas que auxiliaram e complementaram as técnicas de conservação deste acervo têxtil; como o livro *Breve Manual de Conservação de Trajes Teatrais* (2006), dos professores e pesquisadores Elizabeth R. Azevedo e Fausto Viana.

Portanto, a proposta deste trabalho concentra-se em documentar os processos realizados com as 194 peças escolhidas para a primeira fase do projeto – desde o primeiro contato com o acervo até o acondicionamento e identificação.

A fundação da Companhia Cinematográfica Vera Cruz e a origem do acervo.

No ano de 1949 dois empresários – o italiano Franco Zampari (1898-1966) e o ítalo-brasileiro Francisco Matarazzo Sobrinho (1898-1977), o Ciccilo Matarazzo – fundam a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, com o propósito de desenvolver o cinema nacional a partir de um enfoque profissional, já que na época as produções eram amadoras e artesanais; mas também para que alcançassem reconhecimento internacional, levando o nome do Brasil e da cidade de São Paulo ao mundo (CALIL, 1987).

E foi exatamente isso que aconteceu. Seus filmes fizeram sucesso com o público brasileiro: foram lançados dezoito filmes e quatro documentários, além das produções que não chegaram a ser rodadas ou finalizadas. Receberam diversos prêmios nacionais e atingiram o reconhecimento internacional quando participaram e foram premiados no Festival de Cannes (1953) e no Festival de Veneza (1954).

Seus filmes contavam com temáticas variadas, advindas da produção de dramas, adaptações literárias, incluindo adaptações de época, musicais e documentários, e assim, a Companhia reuniu um amplo acervo de trajes, que representavam a caracterização de diferentes períodos históricos brasileiros.

No entanto, após crises financeiras, no final de 1954 a Vera Cruz encerra suas produções desta primeira fase. Porém nos anos e décadas seguintes houveram tentativas de retomar a Companhia por outros empresários e investidores, não obtendo o mesmo sucesso.

De todos os trajes que a Vera Cruz produziu, parte deles – o que havia restado – foram comprados na década de 1970 por Jordano Martinelli (1912-1990), que chegou a montar um “Museu de Cinema” na sua propriedade em São Bernardo do Campo, porém sem as condições necessárias para a correta conservação, ocasionou alguns primeiros danos às peças. Após a morte de Martinelli na década de 1990, o acervo de trajes existente foi adquirido pela prefeitura de São Bernardo do Campo, que não teve condições especializadas de conservação.

Conhecendo o acervo e a escolha das peças para a primeira fase do projeto

O primeiro contato com o acervo para início deste projeto foi no dia 17 de janeiro de 2023, onde todos os integrantes do projeto usaram luvas, máscaras e toucas descartáveis,

além de jalecos higienizados e sapatos fechados, conforme recomendações de Azevedo e Viana (2006).

Na visita, foi possível documentar a situação crítica de armazenamento destes figurinos: cabides de madeira que apresentavam cupim; cabides maiores que as peças causando desgastes nas mesmas; pilhas de trajes amontoados no chão da sala; trajes dispostos em manequins de fibra de vidro durante muito tempo, presos com alfinetes de segurança enferrujados e também fios de nylon desgastados.

Diante do cenário acima descrito, a equipe iniciou a triagem de quais seriam os trajes escolhidos para a primeira fase do projeto, levando em conta os seguintes fatores: estado de degradação da peça; alto risco de deterioração por conta de armazenamento inadequado; trajes já identificados em filmes; e repetição da mesma peça. Em caso de repetição de peça apenas três serão trabalhadas neste momento.

Durante cinco dias não consecutivos, a equipe escolheu um total de 194 peças e após o acondicionamento correto, as caixas foram transportadas para o Núcleo de Traje de cena, indumentária e tecnologia da USP, onde começou o processo de conservação das peças na seguinte ordem:

A – 1ª etapa: análise de condições das peças e acondicionamento para quarentena

A primeira etapa foi analisar e separar os trajes em cinco categorias de acordo com seu estado de conservação, levando em conta se a estrutura têxtil está resistente ou não, que neste caso tende a quebrar os fios e pode ocasionar desgaste, rasgos ou em casos mais graves, quebra do tecido em áreas onde há dobras ou vincos.

Abaixo, na tabela 1, encontramos a categorização das peças e como devem ser armazenadas para a quarentena.

Tabela 1 – Categorias dos trajes

Categoria	Estado de conservação	Armazenamento
1ª categoria	Trajes resistentes e sem grandes degradações: reúne os figurinos com tecidos mais resistentes, sem rasgos e com estrutura têxtil ainda resistente.	Em cabides nas araras encapadas com TNT.
2ª categoria	Trajes resistentes e com pouca ou nenhuma degradação severa: reúne os figurinos que são resistentes à lavagem a úmido, porém não toleram a realização da lavagem em lavadoras.	Em cabides nas araras encapadas com TNT.

3ª categoria	Trajes delicados e sem grandes degradações: reúne os figurinos que não são resistentes à lavagem a úmido.	Em cabides nas araras encapadas com TNT.
4ª categoria	Trajes muito delicados ou com alto grau de degradação: contempla os trajes que não suportam lavagem e necessitam de atenção especial no processo de aspiração devido às degradações.	Em caixas – peça envolta em TNT.
5ª categoria	Trajes extremamente delicados devido a degradação e que necessitam de tratamento especial.	Peça envolta em TNT.

Fonte: autores do texto, 2023.

B – 2ª etapa: higienização das peças

Após o período de quarentena, os trajes seguiram para a próxima etapa: a higienização.

Antes de tudo limpa-se a superfície onde os trajes são higienizados – mesas grandes de superfície lisa – com papel toalha e álcool líquido 70°. Importante ressaltar: esse é um processo a ser feito sempre ao terminar uma peça, independente se será higienizada uma nova peça ou ao final do dia de trabalho (AZEVEDO; VIANA, 2006).

Com o local de trabalho devidamente limpo, partimos para o cuidado com o traje escolhido de acordo com a tabela 2, que define qual tipo de higienização é indicado para cada categoria de traje.

Tabela 2 – Tipo de higienização recomendadas para cada categoria dos trajes

Categoria	Tipo de higienização
1ª categoria	Aspirador de pó com bico coberto por uma camada de tule grosso (filó)
2ª categoria	Aspirador de pó com bico coberto por uma camada de tule grosso (filó)
3ª categoria	Aspirador de pó com bico coberto por uma camada de tule grosso (filó)
4ª categoria	Aspirador de pó com bico coberto por uma camada de tule grosso (filó) + Peça coberta com tule ou filó
5ª categoria	Dependendo da peça, não é recomendado o uso de aspirador de pó

Fonte: autores do texto, 2023.

Para a 1ª, 2ª e 3ª categoria, a higienização é feita com a aspiração dos trajes, conforme indicações em Azevedo e Viana (2006):

- 4 . 1 . Cada traje é acomodado sobre a mesa e coberto por um pedaço de tule grosso (filó). Esse procedimento é necessário para a preservação do tecido e aviamentos do traje, mantendo assim, o caráter histórico da peça.
- 4 . 2 . Após este procedimento um aspirador de pó é utilizado para a higienização do traje. A ponta do aspirador deve ser mantida a uma distância aproximada de 1 a 2 centímetros do tule e do traje. O aspirador deve ter a potência reduzida. (No caso do Projeto, foram usados aspiradores de 1.300 watts, cujas mangueiras foram furadas para diminuir o poder de sucção das máquinas).

4 . 3 . A higienização do traje é realizada pelo lado externo, pela frente e pelo verso. A parte interna do traje só é limpa em casos como casacos ou outras peças abertas conforme demonstração na foto.

4 . 4 . Após a limpeza total do traje, o mesmo é condicionado em um cabide (...). (AZEVEDO; VIANA, 2006, p.35-37)

Para a 4ª categoria, além do tule no bico do aspirador, deverá ser colocado um tule ou filó por cima do traje (figura 1), a fim de impedir que o aspirador aumente a degradação, ou provoque um rasgo no tecido da peça. Já para as peças da 5ª categoria deve-se ocorrer uma análise mais precisa, pois muitas vezes não suportarão qualquer tipo de higienização com aspirador.

Figura 1: Aspiração para trajes delicados com tule protegendo a peça.



Fonte: Foto acervo do projeto de pesquisa, 2023.

C – 3ª etapa: lavagem das peças

Nesta etapa, mais uma vez usamos a categorização dos trajes para definir qual será a lavagem recomendada para tal, como pode ser observado na tabela 3 abaixo.

Tabela 3 – Tipo de lavagem recomendada para cada categoria dos trajes

Categoria	Tipo de lavagem
1ª categoria	Lavagem a úmido – manual ou em lavadora de roupas (1)
2ª categoria	Lavagem a úmido com processo de tamponagem (2)
3ª categoria	Depende da peça – mas usualmente é somente higienizada (3)
4ª categoria	Não suporta lavagem (4)
5ª categoria	Não suporta lavagem (5)

Fonte: autores do texto, 2023.

Para melhor entendimento do processo, segue descritivo de cada tipo de lavagem:

(1) Se a escolha for por lavagem à máquina, cada peça deve ser colocada individualmente e no ciclo de lavagem delicada. A lavagem deve ser acompanhada de perto para que não ocorra aumento de velocidade ou qualquer dano ao traje. Pode ser usado sabão líquido industrial ou preparado pela equipe. Após a lavagem, o traje é acondicionado em um cabide ou suporte apropriado e colocado para secar à sombra. Secos seguirão para os cabides adequados nas araras de ferro já forradas com TNT, para que o material das araras não entre em contato com os figurinos já higienizados. As araras com os figurinos são cobertas com TNT branco, como menciona Azevedo e Viana (2006) para que não ocorra o acúmulo de poeira ou a exposição à luz, afetando negativamente os trajes já higienizados e limpos.

(2) O processo de tamponagem (figura 2 e 3) consiste em alocar a peça em uma bandeja, cobri-la com água de maneira indireta – para que não a prejudique, deixando de molho por cerca de 15 a 20 minutos e retirando essa água. Com uma esponja macia e úmida em sabão de coco (em barra) realiza-se a tamponagem, que consiste em leves batidas na mesma. Após a tamponagem, pode-se cobri-la com água e reservá-la por mais uma faixa de tempo. Por fim, o sabão deverá ser retirado com o auxílio de uma mangueira com pouca água – ainda de forma indireta – e a bandeja inclinada para auxiliar na saída da água. O procedimento pode ser executado mais de uma vez, dependendo das sujidades da peça e de sua resistência. Finalizado o processo de lavagem, a peça segue para secar na sombra em suporte apropriado. Após, deverá ser acondicionada da mesma maneira que as peças da 1ª categoria.

Figura 2 e 3: Lavagem com processo de tamponagem.



Fonte: Foto acervo do projeto de pesquisa, 2023.

(3) Caso não suporte a lavagem a úmido, após a aspiração completa do traje, a peça deverá ser acondicionada da mesma maneira que as peças da 1ª e 2ª categoria.

(4) Para esta categoria, após a aspiração, o traje é cuidadosamente dobrado e acondicionado preferencialmente em uma caixa de polionda branca e envolta com TNT branco. Caso não tenha este tipo de caixa – como é o caso da pesquisa em andamento – deverá ser colocado em caixa de papelão, também coberta por TNT, sendo vigiada para impedir que o papelão da caixa faça trocas de pH ou de cor com a peça.

(5) É o caso mais extremo de degradação e aspira os maiores cuidados. Dentre as 194 peças que atualmente estão sendo tratadas, temos apenas um traje com essa característica. É um vestido que foi encontrado em um manequim de fibra de vidro e devido às suas grandes degradações há grande risco ao tirá-lo do seu suporte, então, por enquanto ele apenas foi envolto em TNT branco, enquanto são analisadas as possibilidades de higienização e posterior conservação.

D – 4ª etapa: armazenamento das peças já higienizadas e lavadas

Após serem categorizadas, higienizadas e as que foram lavadas, as 194 peças estão acondicionadas em sala própria, localizada no Núcleo de Traje de cena, indumentária e tecnologia da USP, aguardando a realização da execução dos suportes necessários para sua correta conservação.

São estes: produção de cabides forrados com espuma e cobertos com malha cirúrgica (ou outro tecido inerte), para que cada peça tenha um cabide próprio e com o ajuste necessário para sustentação correta; produção de caixas de polionda branca para armazenamento horizontal de peças delicadas ou degradadas; produção de capas de TNT branco para cada peça (se necessário) ou para as araras com os figurinos; e o acondicionamento correto de cada peça.

E – 5ª etapa: identificação dos trajes nos filmes

O processo de identificação dos trajes está em andamento e compreende o levantamento de fotografias, fotogramas, documentos e qualquer outro material que contenha

informação relevante ao figurino, à produção destes figurinos ou seus usos, realizados por meio da internet e de visitas ao acervo físico da Cinemateca Brasileira, além da análise e decupagem dos 18 longa metragens produzidos pela Companhia Cinematográfica Vera Cruz, entre os anos de 1949 e 1954, em busca da identificação dos figurinos usados em cada cena.

Considerações Finais

Os processos de higienização que os 194 trajes passaram até agora são de extrema importância para a conservação do acervo dos figurinos da Vera Cruz, porém para que a conservação destes trajes seja executada é necessário que se dê continuidade às próximas etapas deste trabalho, contando, principalmente, com o armazenamento ideal de cada peça, para que novos problemas não surjam ou se repitam.

Outra etapa importante é o prosseguimento de identificação dos trajes, para que eles sejam reconhecidos pelo seu valor histórico e cultural, representado materialmente a memória do cinema paulista e de uma das companhias cinematográficas mais significativas do Brasil.

A conservação do acervo possibilita que ele seja disponibilizado em meios digitais, como sites, artigos, entre outros meios; e físicos através de exposições e museus. Além de contribuir para a difusão dos bens culturais e compartilhar os processos realizados para a conservação deste acervo publicamente, para que qualquer instituição ou pessoa tenha acesso a este conhecimento.

Referências

- AZEVEDO, Elizabeth Cardoso Ribeiro (org.). **Anais do I Seminário de Preservação de Acervos Teatrais** / Universidade de São Paulo, 8 a 10 de agosto de 2012, – São Paulo: USP PRCEU; TUSP; LIM CAC, 2015.
- AZEVEDO, Elizabeth Cardoso Ribeiro; VIANA, Fausto Roberto Poço. **Breve Manual de Conservação de Trajes Teatrais**. São Paulo: ECA-USP, 2006.
- CALIL, Carlos Augusto. A Vera Cruz e o mito do cinema industrial. In: **Projeto Memória Vera Cruz**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Museu da Imagem e do Som, 1987.
- VIANA, Fausto. O traje de cena como documento. **Sala Preta**, v. 17, nº 2, 2017, p. 130 - 150. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/138645/137195>. Acesso em 31 de março de 2022.
- VIANA, Fausto; PEREIRA, Dalmir Rogério. **Figurino e cenografia para iniciantes**. 2. ed. São Paulo: ECA/USP, 2021.
- VIANA, Fausto. Uma coleção de trajes de cena: como lidar com ela? In:AZEVEDO, Elizabeth Cardoso Ribeiro (org.). **Anais do I Seminário de Preservação de Acervos**



Teatrais / Universidade de São Paulo, 8 a 10 de agosto de 2012,– São Paulo: USP PRCEU; TUSP; LIM CAC, 2015.

ola@grandesite.com.br